

# Missão Espiritana

---

Volume 23 | Number 23

Article 13

---

7-2013

## Carta 5: Kalandula

Arnaldo da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

da Rocha Ferreira, A. (2013). Carta 5. *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol23/iss23/13>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

catequista. Há que limpar... para não dizer sanear, mas isto no sentido que se deve entender. Estamos também a “motorizar” os mais activos e que têm serviço a tempo quase pleno como seja os formados na escola de catequistas. Agora ou nunca. A época passada foi uma; agora é outra e por isso aproveitamos tudo nesse sentido. Não interessa fazer muitos planos. Interessa sim, fazer, trabalhar dia a dia e aproveitar os momentos presentes.

Bem mas já me esquecia que já ia na terceira página e tanto trabalho que tenho a fazer. Por isso vou terminar.

Não faço apelos porque me chamam ingénuo!... Tu dizias-me que fosse realista e fui. Ainda hoje veio ter comigo o comandante das Fapla daqui para comprar uma Bíblia. Andou nos Capuchinhos. E eu não tive coragem de lhe pedir 250\$00 mas pelo contrário tive o prazer e satisfação de lhe “oferecer”. Isto é a realidade... Mas também quando ele chegou deixei o trabalho e sujo que estava a compor o carro para sair no domingo para o Quinje e não sabia que iria ter esta agradável surpresa... É esta vida. Mas também o nosso pão é de quinze dias. Mas outros se calhar nem dum mês têm...

Vamos para a frente cantando e rindo ou chorando. Há tempo para tudo... Confiemos em Deus. Ele é que há-de resolver muito dos problemas! Ainda faz falta (fará?... ) às vezes conversar com Ele e perguntar-lhe: então como é?!... E só na medida em que tivermos coragem para lhe perguntar: então como é? É que Ele dará uma resposta.

Cumprimentos para todos. Escreve também para se saber se ainda há gente viva por aí já que muitos pensam que nós já estamos mortos...

Com um abraço amigo do sempre amigo

P. Arnaldo Rocha

## CARTA 5: KALANDULA KALANDULA, 14 DE JANEIRO DE 1977

Caríssimo amigo P. Casimiro

Que tenhas passado um Natal alegre em união com Cristo são os votos do teu amigo sempre grato e ao teu dispor. Não te admires de há tanto tempo não te ter escrito mas o trabalho não deixa muito tempo disponível. O que eu te dizia nas cartas anteriores está dito e não retiro nada do que escrevi. Agora dou-te notícias do que foi este Natal de 76.

Posso desde já dizer-te que foi um Natal diferente de qualquer outro aqui passado. Para mim foi único e que me encheu em todos os sentidos. Foi um Natal à africana. É certo que fizemos uma certa propaganda para que ele resultasse num verdadeiro natal. Encontro com Cristo e encontro com os homens através de Cristo. Creio que os dois fins propostos se alcançaram.

Logo no dia 23 começaram a chegar à Missão como “antigamente” numeroso



grupo de cristãos que iam aumentando à medida que se aproximava o dia 25. Catequistas (uns 130 dos 150), cristãos, etc, etc. Tudo começou a chegar até que na véspera se adivinhava o que seria no próprio dia 25. Não fiz Missa à meia-noite para evitar o que pudesse acontecer de menos agradável. Todavia se a tivesse rezado não teria havido nada. Apenas celebramos, as internas (9), as professoras (3) e as Irmãs (2) e eu. Muito em família até para que meditássemos no mistério natalício. Consoamos todos juntos e depois tivemos a Eucaristia familiar também juntos.

No dia 25, pelas 9.30 horas tivemos então a festividade do Natal. A igreja totalmente cheia. Marimbas, batusques e não sei que instrumentos mais. Os cânticos de entrada logo deram a entender o que seria aquela Eucaristia que para mim foi singular e única pela sua originalidade e espontaneidade. Ao ofertório ofereceram tudo o que quiseram e tinham para oferecer. Bombom, maquessa, ovos, bananas, espigas de milho, dinheiro e sei lá mais o quê. Este ofertório foi feito com cânticos próprios e as pessoas acompanhavam-nos com ritmo também próprio. À comunhão uma multidão se abeirou da Eucaristia sinal de que Deus ainda não morreu para eles. Acabada a Eucaristia propriamente dita tivemos o que chamamos “o beija menino”.

Depois do que se tinha passado pareceu-me que tudo teria de ser diferente e que beijar o Menino não teria sentido. Então, enquanto uma pequena pausa para breves momentos da acção de graças, eu tive uma ideia que me parece resultou a 100%. Avisei que para vivermos melhor o Natal teríamos de manifestar ao Deus Menino toda a nossa gratidão de resgatados por Ele e por isso cada um iria diante d’Ele manifestar toda a sua gratidão e alegria por ter nascido.

Não te digo nada. Irromperam em cânticos de entusiasmo tal passando pela frente do presépio que uns beijavam-no, outros cumprimentavam-no com gestos pessoais, enfim uma variedade tal que eu senti-me pequeno no meio de tanta alegria, simplicidade e espontaneidade como nunca vi na minha vida em terras de missão. Assim estiveram durante cerca de uma hora. Ao fim o entusiasmo era tanto que se transformou num autêntico batuque religioso. Isto só visto e vivido para se compreender. O povo sentia-se satisfeito e contente. Como enviamos um programa convite a todas as organizações governamentais até os protestantes vieram e um disse: “tenho assistido a muitos cultos nossos mas tanto entusiasmo como o que vivemos neste dia nunca vi na minha vida.” No fim diziam alguns: “sr. Padre a nossa fé não morreu nem a missão morreu.” Isto confunde-nos e ao mesmo tempo anima-nos a prosseguir. Todavia e isto para os que dizem que eu sou demasiado optimista: falo da área de Malanje na qual se vive em paz e em que o povo aprecia hoje mais do que nunca a nossa presença de amigos. Nem todos tiveram um Natal igual a este. Uns até talvez com tiros e guerra, outros com fome do corpo e da alma, mas aqui foi assim. Tive conhecimento que em outras zonas de Malanje foi a mesma coisa. O vendaval da guerra também despertou a consciência desta gente e aqueles que não prestavam sentem-se envergonhados



diante disto tudo. Tenho saído muito para o mato e se tu visses a fome de Deus desta gente!... Pode-se trabalhar, querem a nossa ajuda, estimam-nos e que mais precisamos para nos realizarmos? Não houve os mimos próprios do Natal mas que mimos queremos mais do que estes?

Durante a Missa fiz alguns baptismos. Depois desta fiz mais uns 50. Todos eles são preparados e apresentados pelos catequistas das aldeias de comum acordo com os catequistas chefes de zona e pelo povo cristão. Todos têm de ser ouvidos para um neófito ser admitido ao Baptismo. Autêntica democracia. Da parte de tarde tivemos uma reunião com todos os catequistas da Missão. Como dizia dos 150 estavam uns 130. Os que faltaram deram motivos de dispensa. Muito povo também assistiu à reunião. Comecei por explicar a razão da reunião. Depois expliquei o papel do catequista na Igreja, sobretudo na hora presente e em concreto na Igreja em Angola. Agradei o comportamento que tiveram em defender a missão materialmente falando mas sobretudo o trabalho espiritual realizado na nossa ausência que cada vez mais classifico de providencial. Com a nossa saída eles tomaram consciência de seus deveres de cristãos que se devem empenhar em manter a Igreja sempre em acção. Foi uma reunião aberta, franca, em diálogo fraterno e amigo. Creio que foi proveitoso tudo isto embora fossem uns dias cheios que nos deixaram um pouco cansados. Por isso caro P. Casimiro sinto-me satisfeito e oxalá que eu não tenha um dia de desdizer o que agora afirmo. Estou convencido que não. Esta gente é boa, é crente, tem fé. Foram provados e esta prova animou-os e deu-lhes consciência que em parte lhes faltava.

Já te disse muitas vezes e repito: ando por toda a parte, para o mato, para Luanda, Malanje, de noite, de dia e sempre a mesma simpatia e respeito. Também sabem que os respeito e que unicamente voltei pelo grande amor que tenho à Igreja e ao povo cristão. Chamaram-me! Pois que eu não desmereça do seu chamamento.

Não sei se já estiveste com P. Viana. Vê lá se dás uma saltada com ele a casa de meus Pais. A minha irmã, a Irene, mandou-me uma reprimenda dizendo que afinal prometemos que íamos, tu pelo menos irias, a minha casa fazer uma visita até para dar notícias e que ainda ninguém apareceu.

Agora outra coisa: como vão as coisas pela Aguilha? Parece que aquilo por lá não vai famoso demais! É sempre assim: se se dá liberdade não se sabem conduzir responsabilmente, se se chama a atenção para isto ou para aquilo logo barafustam que estão a ser escravos e que afinal a liberdade e democracia é palavra que apenas existe nos papéis porque é moda. Por isso esses casos de abandono não me admiram nada. Tudo na vida tem uma lógica e por isso ela não pode falhar.

Bom por agora vou terminar. Já vou longo e depois tenho muito serviço à minha espera e que é para mim.

Cumprimentos para todos, para teus Pais e família e de mim recebe um abraço amigo do sempre ao dispor.

P. Arnaldo Rocha